



Debate do painel de Leandro de Lajonquière e Romulo C. Lins¹

Edmir Terra

Leandro de Lajonquière

Romulo Campos Lins

Marcelo Carvalho Borba

Tânia Cristina Baptista Cabral

Roberto Ribeiro Baldino

Edmir: Eu gostaria de saber o seguinte. “O saber está nas coisas, num jogo combinatório, sendo o real não-racional” disse, Freud tinha certeza. Aí o Romulo vem e diz que o conhecimento são várias formas de crenças, afirmações e justificativas. Como é que a gente acerta isso?

Leandro: Na verdade eu teria que acrescentar algumas colocações; não é bem isso [que você disse]. Há um saber que funciona independentemente da consciência do sujeito. Agora, este saber não está no real. Tudo bem: ontologicamente o real está aí, eu esbarro nas coisas, as coisas me resistem, mas nociologicamente eu fiquei com uma espécie de ceticismo: do real estou exilado. Do real não posso dizer nada. O real é aquilo que vai restar de minha aventura epistemológica, da minha tentativa de conhecê-lo; é aquilo que esta sempre indo embora. O real não é racional. Tudo bem, você pode postular que o real é racional. Isto é inerente, por exemplo, à epistemologia piagetiana, e isto traz certas conseqüências à prática pedagógica com as quais não concordo, porque se continua pensando o conhecimento como adequação, a verdade como adequação; o que eu conheço é, em última instância, analógico ao que “está lá”. Acredito que se coloco letras no real, e isto funciona... funciona por acaso. Minha posição, com a epistemologia da psicanálise, é humilde: eu não destrinchei o segredo do real; eu só fiz um lance e tive sorte.

Edmir: Você arrumou um modelo que se adaptasse...

¹ Digitalizado por Gustavo Barbosa e Paulo Roberto Vargas Neves.

Leandro: Não: eu tiraria a palavra adaptação. Eu fiz um lance e tive sorte. Como ir pescar, atirar o anzol e pegar o peixe. Sorte. Tudo bem, depois você pode justificar: a isca que coloquei, a carne, o rio, peguei a Folha de São Paulo e vi a previsão do tempo, que fiz uma pesquisa e que quando esta calor os peixes passam por ali. Tudo isto é posterior. Mas você está sozinho. Alguns podem pensar, como Cantor, que são funcionários de Deus: "estou sozinho, aqui, mas sou funcionário de Deus", Lacan diria que a ciência rechaça o sujeito, na medida em que pensa que o discurso científico é transparente, mas ha retornos do sujeito. Em Cantor, naquele caso, há um retorno da subjetividade. E eu estava considerando exatamente se não devemos tratar estas questões dos obstáculos epistemológicos e limites epistemológicos precisamente como um retorno do sujeito.

Romulo: Queria colocar [sobre a questão original que não há o que conciliar, só o que esclarecer, pois quando ele diz que o real é aquilo vai eternamente me fugindo, eu estou chamando de real-e aí é uma questão. talvez de apenas outro nome-exatamente aquilo que eu constituo como real. Esta outra coisa nem nome eu vou dar. Ela é tão inacessível... é até estranho falar de inacessível, pois sugere uma floresta que está lá, mas não consigo penetrar... Acho até curiosa a discussão sobre esta outra coisa. Afirmo que o que existe é o que constituo. Quando o Leandro diz que "coloco letras no mundo e se deu certo foi por acaso", eu não diria "acaso", de meu ponto de vista, é um mecanismo para criar estabilidade. Eu afirmo que deu certo Não posso dizer se "deu certo" ou não porque não há com o que comparar, a não ser nesse mundo constituído por mim. É por isso que a questão da Matemática como parte da cultura é importante, pois eu vou checar o que estou dizendo e fazendo contra o que? Contra o que já está estabelecido, contra o que um certo grupo definiu, por exemplo, como legítimo ou como "real".

Leandro: Concordo. Talvez eu devesse haver colocado mais aspas nas minhas colocações. Ouvindo você [Romulo] eu pensei que em última instância, isso que se chama do "adaptação" trata-se de uma adaptação vital. Como posso avaliar, em última instância, o "certo"? Tudo bem, meu parâmetro é o que já está construído, claro, mas o parâmetro é minha sobrevivência. Em outras palavras: se com o que eu faço para domesticar o real eu continuo aqui.

Marcelo: Minha pergunta é mais simples, e talvez não exista porque não foi dita, mas me pareceu que você se referia a Psicologia e a Filosofia de uma maneira quase irônica; queria então saber, então, qual é sua visão delas.

Leandro: Se minhas palavras foram lidas com um desdém, pelo menos não foi, entre aspas, a minha intenção. Se a experiência cartesiana é a experiência que funda a filosofia moderna, eu poderia dizer que a empreitada lacaniana, como retorno a Freud, é uma empreitada como a cartesiana, mas aqui trata-se de uma dessubstancialização do sujeito. Como na Psicologia é pensada a relação entre a linguagem e o sujeito? Há variantes - e numa delas esta Vygotsky - mas em última instância há uma espécie de entidade psicológica, independentemente da linguagem. Isto nos leva aos esquemas clássicos da comunicação; há um emissor psicológico, uma substância psicológica, que emite mensagens para um receptor, mensagens que dizem respeito à realidade, isto é, à sua própria realidade psicológica, que está "fora" da linguagem. Isto é aquilo que chamamos de substancialismo: há um sujeito, um substrato independentemente de aquilo que você enuncie a respeito da realidade ou a respeito de si próprio, você se mantém. Se mantém como si mesmo. Esta permanência presente está, para nós [psicanalista] colocada entre parênteses [ie, deixada de lado]. E há o que chama a operação de dessubstancializar o sujeito, de esvaziar, de cavoucar o ser, mas quem cavoca o ser [em nosso ponto de vista] é a linguagem. Lacan inverte os sistemas clássicos de comunicação, e vai dizer o seguinte, que o emissor recebe sua própria mensagem do receptor, em forma invertida. As palavras vão onde? A Psicologia vai dizer, "no receptor" enquanto consciência. Mas, para nós, vão para além da consciência do receptor, "de inconsciente a inconsciente", entre aspas para, não substancializar a idéia de inconsciente, que de fato é o que acontece com a psicanálise chamada ortodoxa, Eu diria que as palavras vão e voltam, e nós pegamos o bonde andando.

Tânia: Quando você [Leandro] coloca a questão de que ao lançar essa proposição o que vem junto e o imaginário, esse imaginário talvez pudesse ser pensado, dentro do que o Romulo colocou, como sendo aquele fazer sentido. A cada sujeito a quem chega esse enunciado, há um sentido, sendo provocado sendo construído. Então essa é a dificuldade de trabalhar na Matemática, enquanto representação de alguma coisa, pois

na verdade estamos trabalhando com estes sentidos [significado] que estão sendo construídos a partir de cada um.

Romulo: Se você não examinar esse processo de produzir sentido [significado] do que eu chamo crença-afirmação, você é deixado simplesmente com nada. Eu posso entender essa questão do cada um como relativa à possibilidade de diferentes significados, mas significados são algo que se negocia coletivamente, porque mesmo quando estou mudo e leio uma crença-afirmação, e digo "isto tem significado para mim, este "eu" está dizendo isso foi construído dentro de uma cultura, que impõe limites, que me oferece algumas categorias, algumas relevantes, outras não [neste ou naquele caso]. No caso da pessoa que resolve um problema e quando você pergunta "por que fez assim" não recebe "explicação", há dois aspectos: pode ser no mundo dela, do jeito que foi constituído, oferecer as justificativas, ou ter para si as justificativas, não faz parte, e por outro lado é precisamente quando a justificativa está sendo oferecida que se está produzindo conhecimento. Como quando Leandro diz que você só vai se conhecer depois de haver falado, que não se conhece enquanto fala.

Baldino: Você diz que conhecimentos são crenças-afirmações diante de uma teia de justificações...

Romulo: Dada uma justificação a uma crença-afirmação que a articula numa rede de conhecimentos.

Baldino: Portanto, estas crenças-afirmações passam por uma enunciação, é preciso que se digam, que se ponham, é preciso chegar a este plano para que haja conhecimento. Não é a ciência clássica, de onde o sujeito caiu fora. Repare que a porta que ele [Romulo] abre do lado da ciência é uma porta da enunciação, quer dizer, não vamos buscar a verdade nas demonstrações, nós vamos procurar na negociação.

Leandro: A enunciação é sempre coletiva; a prática da enunciação é uma prática social. Uma sociedade é feita de enunciações. Em última instância, o que nos junta? O discurso. O discurso nos perpassa. Agora, a ciência, enquanto se pensa quando tendo sentido, já tem um sujeito. Quando produzo estou, parafraseando Cantor, sendo funcionário de outro, isto é, do sistema da língua da enunciações; eu estou falando por os outros. Nós estamos reconstruindo, permanentemente um saber que é social,

recortando aquilo que é socialmente admitido tanto o admitido na vida cotidiana da rua quanto o admitido por uma comunidade científica. Podemos lembrar dos paradigmas de Kuhn, e entender que as enunciações coletivas dos cientistas recortam um referente admissível, sobre o qual eu tenho certeza que existe, e que tenho certeza coletiva de que deve ser esquadrihado de uma forma determinada, com esta metodologia que é aceita; os outros ficam fora da igreja.... O sujeito não tira coisas da cartola... ele é permeado pelo coletivo... e como é que surgem as novidades? Descartes dizia "eu fui iluminado por Deus", e os newtonianos que "nunca ninguém ficou tão próximo do Senhor". Eu digo, na medida em que estou apagando o sujeito substancial, que o invento é uma invenção significativa, mas que produz sozinha, por permutações significantes: ninguém criou, foi criado -ou articulado- no bojo das enunciações coletivas. Claro, depois você vai lá e reclama os direitos autorais: "eu disse".

Baldino: Você sente que ele [Romulo] introduz o sujeito de volta?

Leandro: Não. Que eu sinta, não.

Romulo: O sujeito substancial, certamente não, se entendi como você [Leandro] o colocou. Porque é só nesta atividade de produzir significado que o mundo fica constituído; então não faz sentido falar de um sujeito que está constituído antes desta atividade.

Marcelo: Você chegou a dizer que o mundo se constitui quando dou nome as coisas, foi isso? Isso me pareceu uma coisa muito engraçada; eu não queria dizer que a Etnomatemática só se constitui quando Ubiratan deu nome a ela... e me pareceu a idéia de que esta mesa só se constitui no momento que eu a chamo de "table" ou de "mesa" ou da língua que eu queria falar, e que no momento em que damos nomes diferentes a ela-os pretões ou os portugueses -os nossos mundos são diferentes só por causa disso? Eu gostaria que você elaborasse um pouco... me ficou parecendo um pouco nominalismo...

Romulo: Sem dúvida. O Goodman, que é uma referência central para mim, e uma nominalista. Agora de fato afirmei que você constitui o mundo quando você nomeia; quando você recorta e nomeia. Porque você recorta nomeando e nomeia recortando. Vou dar exemplo. Você vai ate as montanhas de Itatiaia, e lá tem uma pedra, que é

completamente parecida com todas as outras pedras que estão lá. Para mim, ao meu olhar, não consigo diferenciar. Agora suponha que aquela pedra foi feita, foi produzida por algum ser humano, a propósito, e aquela pedra tem, por exemplo, propriedades incríveis, de que, quando colocada na posição certa, produz um efeito que cura o câncer. Ora, enquanto este objeto não for distinguido com um nome que o diferencie, ele não faz parte do mundo como "isso" [a pedra que cura]. O mundo não é uma questão de estar o não estar [ali] e assim de reconhecer ou não reconhecer.

Tânia: Esta nomeação, a que você se refere, de um sujeito estar nomeando aquilo ali, aquele fato, ou constituindo isso um fato... é preciso que haja outros, pois é na colocação para os outros que você vai preencher... que vai factuar aquele "isso", Então está na dependência do outro, também, aceitar esta proposição.

Romulo: Mas este outro pode estar presente ou não; ele pode ser o outro que eu sei que existe. Então eu dirijo a minha ação, a minha existência, para que este mundo em que os outros existem.

Tânia: Mas essa fala não é vazia...

Romulo: Não, ela não é sem ouvinte.

Marcelo: O que eu não estou acreditando é o seguinte, que você acredita que o mundo para o Daniel [filho do Romulo!] só vai se constituir a partir de seis meses a partir de agora... Não acredito que outras coisas em que acredito mas para as quais eu não tenho nome, talvez sejam mais importantes, que acontecem na relação de amor, na aprendizagem, ou na psicanálise, que eu não tenha nome para estas coisas, e então eu vou dizer "estas coisas não existem; me parece mais e que não posso então classificá-las, me parece até piagetiano num certo sentido... me parece então que existência para você esta associada a idéia de poder classificar. Eu posso imaginar, sem nenhum problema, a existência de uma coisa sem ter dado nome a ela...

Romulo: Em primeiro lugar, um nome não é "um" nome; pode-se nomear dando "voltas" nas coisas. Sobre o caso do Daniel: a minha atividade intelectual não é, como o Leandro falou, correr atrás do que me escapa o tempo todo. Eu tentar entrar na cabeça do Daniel, para tentar imaginar o modelo que ele tem do mundo, e dizer que ele tem um

certo mundo constituído via os mecanismos que ele tem, isso é correr atrás do que esta fugindo de mim o tempo todo, Eu estou tratando das coisas sobre as quais nos podemos falar.

Marcelo: Acho ótimo que você diga "isso fica fora de meu modelo", mas acho que ainda está faltando um entendimento, pois está parecendo muito absurdo para mim... que a existência das coisas ou dos outros... que isso seja adequado a dar nomes, quer dizer, a classificar.

Romulo: Não é classificação. Vou dar outro exemplo. Um historiador da Matemática hoje, pega textos de Matemática grega, e começa a enxergar uma coisa que ele quer chamar de álgebra geométrica [na fala original foi dito, erradamente, "geometria algébrica"]. Ora, este recorte da álgebra geométrica não foi feito lá-por uma serie de razões nas quais não precisamos entrar aqui. Eu dou nome para uma atividade de olho para trás e começo a dizer que aquela coisa estava lá. O mesmo acontece com a Etnomatemática: a Etnomatemática não existia só porque os índios da Polinésia faziam há 500 anos atrás. A Etnomatemática é um recorte que fiz do mundo-é claro que não é "daqui para frente, sim, para trás, não" - e só quando o nomeio é que passa a fazer parte do meu mundo. Quando você fala da mesa, isso sim: só no dia em que o Daniel falar "mesa", a mesa estará distinguida do chão, porque a comida dele pode ser dada na mesa ou aqui [braço da cadeira]... porque este é o processo pela qual as pessoas fazem sentido do mundo. Que mundo? Não o que esta lá fora, independente de mim, mas o mundo onde elas nascem, onde são lançadas.

Baldino: Esta questão de Marcelo entra, e a gente fica sem saber responder, porque na verdade se fez esta negação do mundo das coisas, que depois vão ser representadas, esta negação foi feita no plano do enunciado. No plano da enunciação parece que a gente ainda está acreditando neste tal de mundo, por isto é que está difícil responder a ele. Se aceitamos que ali tem uma coisa-que é a mesa-independente do nome que eu dou ou não a ela, "ali está o mundo das coisas, e que estão as representações", a gente não tem como responder, ele [Marcelo] tem razão: o negócio, se dissermos o contrário, fica maluco. Agora vou a enunciar de outro jeito, para ver se fica mais claro: para mim, o mundo, em que as mesas não têm nome, é muito diferente do mundo em que as pessoas dão nome às mesas. E isso que estou chamando de mundo: o mundo onde há as pessoas

e coisas e nomes e representações. Então, quando se constitui um mundo pelo fato de se dar nome à mesa, está-se diferenciando este mundo, onde mesas tem nome, do mundo anterior, onde as mesas não tem nome. O mundo é o mundo das representações, e, obviamente, se elas mudam, muda o mundo.

Marcelo: Ele está querendo me colocar num ponto de vista quase pré-kantiano... a questão que eu estava querendo colocar é que o corte não é necessariamente este do nome, da mesma maneira que, quando a gente esta aprendendo uma língua, damos nomes a diversas coisas, e aquelas coisas não passaram a existir ali, o nome está muito nebuloso... eu acho que a questão do significado não vai se resumir a este nome... Eu concordo que o mundo em que isso aí é dito "mesa" é muito diferente do mundo em que isso aí é dito "cadeira", mas para mim não é o nome que está fazendo diferença. Isso não tem que ver com a capacidade de dar nome; era esse o meu protesto.

Romulo: Mas eu não disse que você dá significado na medida em que você dá nome, porque você pode inclusive construir significado depois que você dá nome. Um segundo ponto e que o Baldino diz deve ser olhado com cuidado, pois, como Goodman diz, você tem *mundos*, você não tem um mundo só, e o grande problema da Epistemologia não é olhar para "onde o mundo está", mas sim como é que eu passo de um mundo para o outro. E, se você for olhar para a atividade das pessoas, a maneira como elas usam a linguagem para recortar o mundo delas, você vai notar que isso é, sem duvida, uma atividade essencial de construir este mundo: porque nisto está o que elas vêem deste mundo. Agora não e só "dar nome e dar significado"...

Marcelo: Você está falando nome e existência... eu estava pondo para mim mais importante o significado na questão do nome...

Romulo: Eu não vou entrar muito nisto, mas coloco a questão do significado, Marcelo, como a de você falar coisas sobre seja o que seja, e dar um lugar, em seus sistema de conhecimento, para estas afirmações. Até você tem um significado, quer dizer: não é a mesa que tem significado, é o que digo sobre ela.

Leandro: Eu diria que o problema não está na verbalização, naquilo que classicamente se chama de linguagem verbal. O sujeito pode ainda não falar, caso do Daniel. Para nós [lacanianos] todos falam; esta é a crítica que fazemos a psicologia, que muitas vezes faz

do sujeito "lua", isto é, não fala ["Newton calou os planetas"]. Por que todo mundo fala? Fala, em última instância, porque o sujeito está constituído como sujeito, no campo da linguagem. No campo da cultura, neste campo cultural recortado pelas enunciações coletivas, onde com certeza a mãe de Daniel fala, embora ele não fale, é o mundo onde o Daniel se cria e um mundo que está articulado numa cultura no campo da linguagem. Para a mãe do Daniel, não é a mesma coisa dar de comer na mesa ou na escrivaninha, porque, embora as duas tenham quatro pés, uma é para escrever e a outra é para jantar. Eu diria que o discurso, as ações da mãe, ações sempre permeadas pela linguagem, está sempre cavoucando espaços: aqui, sim; aqui, não. Que a criança ainda não coloque "mesa" ou "escrivaninha", mas ela sabe que aqui, sim; aqui, não. Isto é, o real começa a existir, enquanto realidade na medida em que uma cultura começa a opor as coisas... O fato de abrir a boca, que tem a ver, com todas estas certezas subjetivas-que a boca é minha, que enquanto falo sou eu que estou falando, que estou falando para alguém que não é o produto dum sonho, que é um eu-isto é, todas certezas são produto duma estruturação simbólica, isto é, duma estruturação significante, isto é, uma estruturação discursiva. Da qual eu sou efeito... E esta constituição simbólica e impossível de ser dada, se eu não nasço num universo cultural. E, quando eu nasci num universo cultural, a cultura cavou um buraco no meu ser, isto é, eu, enquanto sujeito das necessidades orgânicas, estou, perdido... Estou dizendo isso para tentar pensar a questão por fora do fato do dar nome; isto é, para que eu chegue a dar nomes, tem que haver uma série de pré-condições.